

Os pronomes clíticos nos testemunhos da ‘Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião’ – Um estudo comparativo

A comparative study of clitic placement in the manuscripts of ‘Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião’

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.24279>

Elena Lombardo

Licenciada em Mediação Linguística e Cultural pela Universidade de Pádua (2011), mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2015) e doutoranda em Crítica Textual na Universidade de Lisboa. Ocupa-se da edição filológica digital de crónicas portuguesas, tendo experiência com textos dos séculos XV a XVIII. É colaboradora do Grupo de Filologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Bolseira de Investigação no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (Projeto BILP).

E-mail: elenalombardo@campus.ul.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8674-7134>

RESUMO

Neste artigo apresento os resultados de um estudo comparativo da colocação dos pronomes clíticos presentes nos testemunhos de uma crónica quinhentista sobre D. Sebastião – a Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião – com vista a compreender melhor as vicissitudes da sua transmissão manuscrita. Conhecem-se atualmente três testemunhos deste texto. O Mss. 2422 da Biblioteca Nacional de Espanha e o COD. 13282 da Biblioteca Nacional de Portugal, ambos catalogados como sendo do século XVII e similares em termos de organização estrutural, diferem profundamente do CIII/1-14 da Biblioteca Pública de Évora, datado do século XVIII. O testemunho eborense afasta-se deles a tal ponto que se torna possível afirmar que se trata de versões diferentes de um mesmo texto. A pergunta que se coloca, portanto, é se seria a versão reportada pelos testemunhos madrileno e lisboeta (o Sumario) a versão inicial e a Historia (versão do testemunho eborense) uma reescrita e desenvolvimento dela por um cronista/copista posterior, ou se se trataria justamente do contrário – o texto transmitido pelo manuscrito eborense sendo a primeira versão e o Sumario um resumo desta. Para fazer luz sobre esta questão, analisei dois fenómenos relativos à colocação pronominal cuja evolução histórica, de acordo com autores como Martins (1994, 2008 e 2016, entre outros), Magro (2007), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Namiuti (2008), apresenta um ponto de inflexão nos séculos XVI-XVIII – a variação entre ênclise e próclise e a realização de interpolação de constituintes entre o clítico e o verbo. Apesar de não ter fornecido resultados totalmente inquestionáveis a favor de uma ou outra hipótese, as análises demonstraram que alguns trechos da Historia inexistentes nos demais testemunhos apresentam traços linguísticos mais próximos do português quinhentista. Assim sendo, parece provável que a versão reportada neste testemunho não tenha sido redigida no século XVIII.

Palavras-chave: Crónicas portuguesas. Português Clássico. Ênclise/próclise. Interpolação. Crítica Textual.

ABSTRACT

In this paper, I present the results of a comparative study of clitic pronouns placement in a sixteenth-century chronicle about D. Sebastian of Portugal – *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião* – in order to understand the vicissitudes of its manuscript transmission better. Three manuscripts of that chronicle are currently known. Namely, the Mss. 2422 of the National Library of Spain (BNE), the COD. 13282 of the National Library of Portugal (BNP), and the CIII/1-14 of Évora Public Library (BPE). The first two manuscripts are both from the 17th century and are similar in terms of structural organization, while the third dates from the 18th century and differs from the others so profoundly that they may constitute different versions of the same text. The question is if the manuscripts from BNE and BNP (*Sumario*) are the initial version and the manuscript from Évora (*Historia*) a rewriting and development of them by a later chronicler/copyist; or if it is the opposite, being the text transmitted by the BPE manuscript the first version and the *Sumario* an extract of it. In order to clarify this question, I have analysed two aspects related to pronominal placement which, according to Martins (1994, 2008 and 2016, among others), Magro (2007), Galves, Britto and Paixão de Sousa (2005) and Namiuti (2008), change between the 16th and the 18th centuries. Although it did not provide totally unquestionable results in favour of one hypothesis or another, the analysis of the variation between enclisis and proclisis

and the occurrence of interpolation of constituents between the clitic and the verb showed that some excerpts from the *Historia* which do not exist in the other manuscripts present linguistic traits from the 16th century. Therefore, it seems likely that the version of this manuscript cannot have been written in the 18th century.

Keywords: Portuguese chronicles. 16th to 18th century. Enclisis/proclisis. Interpolation. Textual Criticism.

Introdução

Neste trabalho apresento os resultados de um estudo comparativo da colocação dos pronomes clíticos contidos nos testemunhos de uma crónica quinhentista sobre D. Sebastião – a *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião* – com vista a compreender melhor as vicissitudes da sua transmissão manuscrita.

Para tanto, na primeira secção apresentarei a *Crónica*, os manuscritos conhecidos e as características deles que justificam a sua interpretação enquanto versões distintas de um mesmo texto e, conseqüentemente, motivam as perguntas deste estudo. A seguir, identificarei os aspectos da história da evolução dos clíticos que interessam para a caracterização linguística dos testemunhos e, na terceira secção, procederei à classificação das variantes encontradas ao longo do cotejo e à seleção e discussão de casos específicos.

1. A *Crónica* e as trajetórias da sua transmissão

1.1 Os “Sumários”, a “Historia”

A *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião* foi redigida no final do século XVI e cobre os factos acontecidos em Marrocos¹ de 1573 até 1578, percorrendo as lutas políticas no reino de Fez que levaram o Xarife Mulei Mohammed (Mulei Mahamet) a procurar a ajuda dos portugueses e relatando a organização e o êxito da intervenção militar dos próprios portugueses chefiados por D. Sebastião.

Conhecem-se atualmente três testemunhos deste texto: o Mss. 2422 da Biblioteca Nacional de Espanha, o COD. 13282 da Biblioteca Nacional de Portugal e o CIII/1-14 da Biblioteca Pública de Évora.² Os três manuscritos apresentam substanciais diferenças de conteúdo, que se revelam já a

¹ A indicação do território pelo nome “Marrocos” é apenas de carácter convencional, já que a formação desta entidade política é muito posterior.

² Por comodidade, a seguir, indicarei os manuscritos por, respetivamente, letra M (Madrid), letra L (Lisboa) e letra E (Évora). Ressalte-se que também o título escolhido para me referir ao texto é de carácter convencional. Em trabalhos anteriores, denominei-o *Crónica da Berbéria* ou, quando ainda não conhecia o manuscrito E, *Sumario*. Ao adotar o título atribuído por Francisco Mascarenhas Loureiro na sua edição de M de 1987, procuro não multiplicar designações que alimentem equívocos e, ao mesmo tempo, tento suprir a falta de um título que não se refira apenas a uma das suas duas versões. De facto, por um lado, *Sumario* é provavelmente o título específico da versão reportada pelos testemunhos mais antigos e, por outro, o título *Historia* deve ter sido atribuído ao conteúdo de E só no século XVIII. Aliás, estou ciente de que, ao escolher a denominação *crónica*, incorro no risco de atribuir-lhe características específicas. Todavia, julgo que, pelo menos até desvendar as fases da transmissão do nosso texto, tal denominação possa constituir uma solução adequada.

partir do título. Se os primeiros dois são transmitidos como *Sumario de todas as cousas succedidas em Berberia desde o tempo que começou a reinar o Xarife Mulei Mahamet no anno de 1573 te o fim do anno de sua morte 1578 no dia da batalha d'Alcaçer Quibir, em que se perdeu Dom Sebastiam Rey de Portugal*, o testemunho eborense apresenta-se como *Historia da Jornada Del Rey Dom Sebastião a Africa causa, e successos lastimozos della*.

Nos testemunhos madrileno e lisboeta, a matéria é organizada em 23 capítulos, numerados e com epígrafe – com a exceção do 8º ao 14º, que não têm epígrafe. Além disso, nos capítulos 8, 10, 11 e 14 (M fls. 250r, 261r, 268r e 279r; L fls. 166r, 175v, 180v e 189v) há lacunas de poucas palavras – números e nomes que confeririam ao relato maior precisão: as léguas entre Ceuta e Tânger, o número de remadores em cada barco da frota de D. Sebastião, dois nomes de fidalgos.

Por sua vez, o testemunho eborense contém 26 capítulos, todos numerados e com epígrafe, e contém apenas uma lacuna evidente – aquela que corresponde à distância entre as cidades marroquinas.

Para além das lacunas, os testemunhos apresentam profundas diferenças estruturais a partir do terceiro capítulo. Para começar, a matéria que em M e L é contida num capítulo só (o 4), em E encontra-se distribuída ao longo de dois (o 4 e o 5). Para além disso, em E, os acontecimentos narrados nos capítulos 3 a 8 (a História da Berbéria entre os anos 1573 e 1576) são repetidos, de forma resumida, nos capítulos 9 e 10. Isto justifica o maior número de capítulos de E em relação a M e L.

Quanto ao conteúdo, a narrativa de M e L corresponde a trechos dos capítulos 3 a 8, mas sobretudo dos capítulos 9 e 10 de E.

Já a partir do capítulo 8 de M-L e 11 de E, a estrutura da narração volta a coincidir, sendo as variantes menos profundas.

1.2 A transmissão manuscrita da *Crónica*

Uma vez entendidas as diferenças estruturais que motivam a ideia de que os testemunhos contêm versões de um mesmo texto, não será fora de lugar relembrar o período em que se desenvolve a história conhecida da transmissão manuscrita deste texto – um dado fundamental para entender a escolha dos pronomes clíticos como objeto de análise. Para além disso, detenho-me brevemente sobre alguns aspectos paleográficos de E ainda não divulgados ao público,³ de maneira a

³ As análises que aqui apresento beneficiaram profundamente dos olhares atentos do Prof. Ivo Castro e da Prof.^a Susana Tavares Pedro, que, em momentos diferentes, orientaram as minhas intuições. A eles devo um sincero agradecimento pela ajuda e disponibilidade.

introduzir as perguntas sobre as suas relações com M e L, mas também para entender melhor o seu processo de cópia, fundamentando algumas das escolhas que foram tomadas ao longo da catalogação dos dados.

No caso de M e L, remeto à minha dissertação de Mestrado para a caracterização material e limito-me a reportar aqui apenas os dados novos acerca da sua datação. Com efeito, a data de cópia de M, inicialmente inferida a partir da observação do tipo de papel e da grafia, foi balizada com base nas informações extraídas do histórico dos seus possuidores. Posso agora indicar com segurança que o manuscrito teria sido copiado antes de 1671, data da morte de D. Jerónimo Mascarenhas,⁴ antigo proprietário do códice.⁵

Quanto a L, continuam escassas as informações de que dispomos: se a grafia aparenta ser do século XVII, o catálogo da BNP (FERREIRA, 1999, p. 128) não justifica a indicação do último quartel deste mesmo século como data de cópia *a quo* e o registro dos antigos possuidores fornece informações sobre o códice apenas a partir do século XIX – donde a necessidade de aceitarmos 1675 como referência provisória.

O manuscrito M e L seriam, portanto, coevos, sendo possível assumir que não teriam sido copiados posteriormente ao final de Seiscentos. Para além disso, parece-me provável, com base numa breve colação entre os dois testemunhos (LOMBARDO, 2016, inédito), que M seja anterior a L.

No que diz respeito à *História*, uma hipótese inicial é que tenha sido copiada até 1743, ano da morte do P. José Pereira Baião (1690-1743), suposto antigo possuidor do códice.⁶

Quanto à sua materialidade, o testemunho eborense reporta as marcas das intervenções de pelo menos dois escribas – um copista, cuja grafia aparenta ser a de um profissional, e um revisor, com caligrafia mais pessoal. As intervenções foram efetuadas em quatro momentos diferentes, mas ao longo de um espaço temporal relativamente curto, numa sequência de leituras em que o texto passou

⁴ Para uma bio-bibliografia sobre Mascarenhas (1618-1671), remeto a Bouza (1994), Dornelas (1918), Megiani (2009) e Serrão (1973).

⁵ Para traçar o histórico dos possuidores, recorri principalmente ao trabalho de Gregorio De Andrés (1975). Em grandes linhas, sabe-se que o códice pertencia originariamente à biblioteca de Mascarenhas; entre 1681 e 1692 foi adquirido pelo Duque de Uceda (1649-1718), responsável pela encadernação siciliana com que o conhecemos hoje, e nos primeiros anos do século XVIII foi incorporado à Biblioteca Real espanhola.

⁶ O próprio manuscrito contém referência a este nome, no frontispício do primeiro fólio, abaixo do título. Confirma-o o *Catálogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborense*. Para uma bio-bibliografia sobre o Padre José Pereira Baião, consulte-se Serrão (1974). Aqui, importa lembrar que em 1735, o P. Baião publicou uma *Chronica del Rey D. Pedro deste nome, e dos de Portugal o oitavo*, precisando que o texto estaria “na forma em que a escreveo Fernão Lopes, primeiro Chronista Mor deste Reyno”. Foi provavelmente o responsável pela publicação de uma *Crónica de D. Sebastião* atribuída a D. Manuel de Meneses (1730), mas esta questão está ainda por investigar. Em 1737, saiu sob sua autoria *Portugal cuidadoso e lastimado*, texto sebástico em que, mesmo indicando algumas das fontes consultadas, efetuou longas refundições de textos não identificados.

de uma pessoa a outra e voltou.⁷ Uma das mãos, a do copista profissional, limita-se a executar uma tarefa “mecânica”, enquanto a do revisor intervém de maneira crítica, corrigindo, adicionando, emendando conforme um critério pessoal – desde o simples retoque de letras, até à introdução de modificações substanciais. Em alguns pontos, o revisor modifica a gramática do texto, como no fl. 4r, em que adiciona o pronome *se*. Em outros, comenta o conteúdo, como no caso da adição à margem do fólio 55v, em que apaga um trecho que continha informações já apresentadas no 55r e escreve: “isto foy repetição não vale nada”.

*

Tendo em consideração tanto a prática de resumir textos cronísticos para favorecer a sua circulação e divulgação, como a refundição de narrações historiográficas mais antigas em novos textos, e lembrando as práticas editoriais do P. José Pereira Baião (v. nota 6), desconfia-se de que este não tenha sido um simples possuidor do manuscrito eborense, assim como afirmado no *Catálogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborense*. Pelo contrário, não seria E a cópia reelaborada de um antígrafo com vista à sua inclusão no texto do *Portugal cuidadoso*? Em outras palavras, trata-se de perceber se seria o *Sumario* a versão inicial do texto e a *Historia* uma reescrita e desenvolvimento dele por um cronista/copista posterior, ou se se seria justamente o contrário – o texto transmitido pelo manuscrito eborense sendo a primeira versão e o *Sumario* um resumo desta.

Inúmeras metodologias podem ser aplicadas para entender melhor esta questão. A partir das análises elaboradas na minha dissertação de Mestrado (2015), tenho vindo a investigar o problema desenvolvendo essencialmente quatro vertentes: (re)exames materiais acurados, caracterização linguística e colação dos testemunhos seguida do estudo das suas variantes do ponto de vista filológico.

No que diz respeito, nomeadamente, à segunda vertente, divulguei os resultados iniciais de um estudo comparativo da colocação pronominal nos três manuscritos no XXXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (2017). Neste trabalho, partia do pressuposto de que, dentre os aspectos linguísticos observáveis, a evolução da colocação dos pronomes clíticos apresenta um ponto de inflexão justamente entre os séculos XVI e XVIII. Se os trechos de E inexistentes nos

⁷ O fólio 1 é disto um claro exemplo. O título do texto foi corrigido, adicionando na margem superior uma folha com a inscrição que se pretendia definitiva. Neste trecho, é evidente que num primeiro momento, o copista escreveu o título primário. A este foram adicionados, num segundo momento e pela mão do revisor, identificado por uma tinta diferente, <da jornada> e <Do P.e Jozeph Pr.a Bayaõ>. No terceiro momento, uma folha contendo o título passado a limpo pela mão do primeiro copista foi colada por cima do título primário. Nesta folha, o bloco <Capítulo 1 De como Muley Maluco pedio favor ao Turco p.a se senhorear do Reyno de Berberia> é a última adição (quarto momento), como revelam o módulo da letra e a escrita mais cursiva. O facto de o copista ter tido oportunidade de passar a limpo as adições do revisor e, sucessivamente, de integrar o número e a rubrica do capítulo 1 parece demonstrar que as intervenções aconteceram de seguida.

demais testemunhos apresentassem traços linguísticos próprios do português quinhentista, tornar-se-ia difícil defender que se tratava de adições do século XVIII.

Cumprido, agora, completar e rever esta análise inicial, integrando-a com os dados referentes à totalidade do texto.

2. A diacronia da colocação pronominal em português: uma síntese

Nesta secção, apresento uma síntese da diacronia da colocação dos pronomes clíticos em contexto de variação e do fenómeno da interpolação no Português Europeu (PE).

2.1 Distribuição da ênclise e da próclise em frases finitas

O pronome clítico pode ocorrer anteposto (próclise) ou posposto ao verbo (ênclise). Em português, a escolha entre uma ou outra possibilidade é condicionada por alguns contextos e pela ocorrência de certos constituintes (p. ex., itens de polaridade negativa, constituintes *qu-*, alguns quantificadores, advérbio focalizados, etc). Na ausência destes, em PE contemporâneo, o clítico encontra-se posposto ao verbo.

Esta situação, todavia, nem sempre foi assim, apresentando uma trajetória peculiar. Na sua tese de Doutoramento, que constitui os alicerces do nosso conhecimento atual sobre este assunto, Ana Maria Martins (1994) estuda a história da colocação clítica no PE, com base em documentos notariais dos séculos XIII–XVI. A autora revelou que, entre os séculos XIII e XV, a colocação mais frequente nestes contextos era a ênclise, conforme um padrão comum às outras línguas romances. Posteriormente, todavia, a situação inverter-se-ia: já no século XIV manifesta-se a tendência oposta, que se consolidaria em cerca de duzentos anos. O século XVI é, portanto, um primeiro ponto de chegada das mudanças que caracterizaram a colocação pronominal em português. A seguir, reporto alguns dados, extraídos do citado texto de Martins, que demonstram claramente tal trajetória.

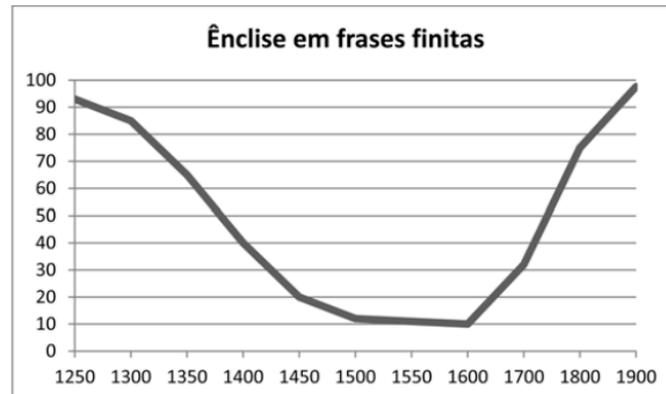
Quadro 1 – Próclise/ênclise em orações principais afirmativas em textos notariais, séc. XIII–XVI.

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
Próclise	6,7% (3/45)	27% (23/85)	84,4% (54/64)	100% (61/61)
Ênclise	93,3% (42/45)	63% (62/85)	15,6% (10/64)	0% (0/61)

Fonte: Martins (1994, p. 59).

Só posteriormente, a partir do século XVII, é que a tendência voltaria a favorecer a ênclise na variedade europeia do português, conforme demonstram diversos autores. A figura abaixo, extraída de Martins (2016) e constituída principalmente a partir dos trabalhos de Paixão de Sousa (2004), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Galves e Paixão de Sousa (2005), resume o andamento da variação entre os séculos XIII e XX.

Figura 1 – A evolução da ênclise em frases finitas (sem proclisadores), sécs. XIII–XX.



Fonte: Martins (2016, p. 417).

2.2 A interpolação de constituintes

A interpolação é definida como a não adjacência entre o proclítico e o verbo. Tal como demonstrado por Martins (1994), entre os séculos XIII e XVI, tratava-se de um fenómeno muito comum: a interpolação da negação chegava a ocorrer com percentagens superiores a 90% e a interpolação de outros constituintes superava abundantemente os 50% dos casos. Abaixo, reporto alguns dados de referência.

Quadro 2 – Interpolação da negação entre os sécs. XIII e XVI.

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
cl-não-V	94,10%	96,80%	90,70%	90,00%
não-cl-V	5,90%	3,20%	9,30%	10,00%

Fonte: Martins (1994, p. 193).

Quadro 3 – Interpolação de outros constituintes entre os séc. XIII e XVI.

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
cl-X-V	66,70%	69,10%	57,00%	51,70%
X-cl-V	33,30%	30,90%	43,00%	48,30%

Fonte: Martins (1994, p. 193).

Para que a interpolação se realizasse, era necessário que estivessem satisfeitos dois critérios, a saber: o clítico tinha que se encontrar em posição pré-verbal e em presença de um proclisador.⁸

Satisfeitos tais pressuposto, ainda segundo Martins (1994, p. 162-178), praticamente qualquer constituinte poderia aparecer entre o clítico e o verbo: advérbio de negação *não*; sujeitos pronominais ou nominais; sintagmas preposicionais; sintagmas adverbiais; objetos diretos; objetos indiretos; núcleos predicativos de natureza adjetival; participios passados em tempos compostos; infinitivos em construções de complementação ou em estruturas com auxiliares; constituintes de redobro do clítico; quantificadores; orações reduzidas.

Esta situação modifica-se radicalmente ao longo do tempo, sendo que, hoje, na variedade padrão do PE, apenas ocorre interpolação da negação (cl-*não*-V). O século XVII marca o ponto de viragem. De acordo com Catarina Magro (2007, p. 175):

ainda que seja possível que o processo de mudança que conduz à perda total da interpolação generalizada tenha arrancado num momento anterior ao século XVII, é apenas a partir de meados desse século que o resultado da mudança tem expressão evidente nos textos literários. Todos os autores nascidos em data posterior a 1644 parecem partilhar um sistema gramatical em que apenas não pode ocorrer interposto entre proclítico e verbo.

*

Sendo que o momento de inflexão da evolução histórica destes fenómenos é o século XVII, parece possível supor que, se M e L tivessem sido copiados no começo deste século, ainda apresentariam um padrão de colocação clítica mais antigo; quanto a E, o importante é verificar sobretudo os trechos que não são contidos nos outros testemunhos: caso a língua de tais trechos seja caracterizável como inovadora, seria mais fácil defender que se trate de uma refundição setecentista; no caso contrário, poderia tratar-se de um texto efetivamente escrito no século XVI.

3. Os clíticos na Crónica do Xarife Mulei Mahamet

Vejamos, agora, o comportamento dos clíticos nos três testemunhos da *Crónica do Xarife Mulei Mahamet*. Para os nossos fins, interessam os casos de variação livre entre ênclise e próclise em frases finitas e as ocorrências de interpolação.

⁸ Todavia, Cristiane Namiuti (2008) demonstrou que, entre os séculos XV e XVII, se tornou possível a interpolação de *não* fora dos contextos de próclise obrigatória.

3.1 Aspectos metodológicos

Os dados levantados foram classificados conforme as categorias identificadas por Martins (2017, inédito), assim como indicado na tabela a seguir. A cada categoria foi atribuída uma sigla alfanumérica por razões práticas:

Quadro 4 – Categorias de classificação dos pronomes.

Classificação		Sigla
Formas verbais finitas		
Próclise com proclisadores	Orações subordinadas	1A1
	Orações negativas	1A2
	Outros casos	1A3
Ênclise/Próclise em contextos de variação	Ênclise (+ mesóclise)	1B1
	Próclise	1B2
Complexos verbais com infinitivo (c/s subida do clítico)		
Subida do clítico		2A
Não subida - cliticização ao infinitivo	Ênclise	2B1
	Próclise	2B2
Interpolação		
Interpolação de <i>não</i>		3A
Ausência de interpolação de <i>não</i>		3B
Interpolação de outros constituintes	Sujeito	3C1
	Outros	3C2
Ausência de interpolação de outros constituintes	Sujeito	3D1
	Outros	3D2
Formas verbais no infinitivo		
Próclise	com proclisadores	4A1
	sem proclisadores	4A2
Ênclise		4B
Formas verbais no gerúndio		
Ênclise		5A
Próclise		5B

Fonte: Martins (2017).

Os resultados numéricos assim obtidos foram posteriormente subdivididos entre *a) dados correspondentes* – ou seja, dados que não apresentavam qualquer tipo de variação entre os três manuscritos. *b) “trechos em variação livre”* – ou seja, pronomes que apresentam variação

incondicionada nos manuscritos; c) “*trechos em variação substantiva*” – ou seja, pronomes que ocorrem em trechos sujeitos a reformulações de forma em algum dos testemunhos; d) “*trechos lacunares*” – ou seja, pronomes que ocorrem em trechos com conteúdo em falta em algum dos testemunhos. Os dados de tipo b), c) e d) constituíram foco específico de análise, tratando-se da base da caracterização linguística individual de cada testemunho.

Para além disso, foi necessário analisar detidamente os casos de pronomes adicionados posteriormente ao texto, de maneira a perceber se se trataria de adições do copista ou do revisor e, conseqüentemente, decidir que tratamento lhes reservar na classificação. Existem quatro casos: a) *pronome adicionado posteriormente em trecho que apresenta variação substantiva em relação aos outros testemunhos*. Não sendo possível verificar se o pronome existia no autógrafa, já que a lição dos outros dois manuscritos é diferente, e sendo a grafia indubitavelmente diferente da do copista, optei por não incluir estes dados na contagem e classificação. b) *pronome adicionado posteriormente em trecho lacunar em M e L*. O critério é o mesmo do caso a: não sendo possível verificar se o pronome existia no autógrafa, e sendo a grafia indubitavelmente diferente da do copista, estes dados não foram contabilizados. c) *pronome adicionado posteriormente em trecho não variante*. Mesmo sendo adições em outra tinta, estes pronomes ocorrem também nos testemunhos mais antigos. Optei por incluí-los na classificação. d) *pronomes claramente adicionados posteriormente, em trechos que existem nos três testemunhos*. Ou seja, pronomes que E contém por adição posterior, e que não constam nos demais manuscritos. Não foram classificados.

Esclarecidos os princípios que regularam a recolha e classificação dos dados, podemos passar agora à análise dos mesmos. Das categorias mencionadas acima, destaco, a seguir, dois aspectos que revestem particular interesse para a discussão sobre a transmissão da *Crónica*: a distribuição da ênclise e da próclise em frases finitas afirmativas e a realização de interpolação de constituintes.

3.2 Distribuição da ênclise e da próclise em frases finitas afirmativas

Em relação à distribuição de ênclise e próclise em frases afirmativas finitas em contexto de variação, verifiquei que ambas as versões apresentam um padrão proclítico, apesar de E ter uma ligeira diferença percentual em favor da ênclise.

Quadro 5 – Distribuição ênclise/próclise nos três testemunhos (totalidade).

	M	L	E
Ênclise	25% (51/206)	25% (51/206)	31% (71/231)
Próclise	75% (154/206)	75% (154/206)	69% (160/231)

Fonte: Elaboração própria.

Do total de ênclises em E, 3 casos ocorrem em trechos em variação livre.

(1)	M	eo xarifese sahio fora da Cidade	(fl. 242r)	3C2
	L	eo Xarife se sahio fora da cidade	(fl. 158v)	1B2
	E	sahiose logo da Cide	(fl. 7r)	1B1
(2)	M	se juntaraõ	(fl. 243r)	1B2
	L	se juntaraõ	(fl. 159v)	1B2
	E	ajuntarãose logo	(fl. 8v)	1B1
(3)	M	e o cercaraõ	(fl. 243r)	1B2
	L	e o cercaraõ	(fl. 159v)	1B2
	E	cercaraõ no	(fl. 8v)	1B1

Dados de M extraídos de Lombardo (2015)

Dados de L extraídos de Lombardo (2017b)

Dados de E extraídos de Lombardo (2017c)

Quanto aos trechos de E lacunares em M e L, o levantamento forneceu percentagens em linha com a classificação geral, constituindo-se como segue:

Quadro 6 – Distribuição ênclise/próclise nas frases de E lacunares em M e L.

Ênclise	40% (8/20)
Próclise	60% (12/20)

Fonte: Elaboração própria.

A questão torna-se mais interessante se considerarmos os dados relativos aos trechos em que a variação na posição do pronome é acompanhada por diferenças na construção da frase. Aí, há uma esmagadora preponderância dos casos de próclise nos testemunhos mais antigos face a um maior número de casos de ênclise em E, como é resumido na tabela a seguir.

Quadro 7 – Distribuição ênclise/próclise nos três testemunhos (trechos em variação substantiva).

	M	L	E
Ênclise	14% (2/14)	8% (1/13)	57% (8/14)
Próclise	86% (12/14)	92% (12/13)	42% (6/14)

Fonte: Elaboração própria.

Estes resultados, surpreendentes apenas à primeira vista, podem ser melhor compreendidos relembando a vertente de modernização linguística intrínseca a cada ato de cópia – particularmente evidente no caso de E, sobretudo no que diz respeito à atitude do revisor.

Assim sendo, os dados obtidos em relação a este aspecto estão em concordância com a tendência característica dos séculos XVI a XVIII teorizada pelas estudiosas referidas. Ambas as versões apresentam um padrão proclítico – com uma maior tendência para a ênclise em E, sobretudo naqueles trechos que apresentam variantes substantivas em relação a M e L. Todavia, para poder

verificar a eventual pertinência de uma interpretação destes últimos dados como produto do copista de E, ulteriores aprofundamentos filológicos serão necessários.

3.3 Interpolação de constituintes

No que diz respeito à realização da interpolação da negação, constatei que a percentagem é equivalente nos três testemunhos. A frequência, como seria de esperar, supera os 90%.

Quadro 8 – Interpolação de negação nos três testemunhos (totalidade).

	M	L	E
Interpolação	94% (196/208)	94% (200/212)	94% (201/214)

Fonte: Elaboração própria.

Dados mais interessantes emergem da análise da realização da interpolação de constituintes diferentes de *não*. De facto, no caso da interpolação do sujeito, E apresenta uma frequência ligeiramente inferior aos demais.

Quadro 9 – Interpolação de sujeito nos três testemunhos (totalidade).

	M	L	E
Interpolação	10% (26/265)	10% (26/267)	7% (18/272)

Fonte: Elaboração própria.

Ainda mais relevante é a diferença percentual no caso da interpolação de outros constituintes (objeto direto e indireto, sintagmas preposicionais, quantificadores ou núcleos predicativos de natureza adjetival) nos três testemunhos, como é reportado na tabela a seguir.

Quadro 10 – Interpolação de outros constituintes nos três testemunhos (totalidade).

	M	L	E
Interpolação	16% (46/292)	16% (46/293)	10% (31/317)

Fonte: Elaboração própria.

Os dados que apresentei até agora referem-se à totalidade do texto; as percentagens que emergem da análise dos trechos de E lacunares em M e L confirmam o resultado geral.

Quadro 11 – Realização de interpolação nas frases de E lacunares em M e L.

Interpolação de negação	100% (9/9)
Interpolação de sujeito	0% (0/15)
Interpolação de outros constituintes	8% (2/24)

Fonte: Elaboração própria.

Em termos numéricos, os resultados da análise não surpreendem. É de esperar que, ainda devido à tendência para a atualização linguística que mencionei acima, um testemunho do século XVIII

apresente taxas de interpolação de constituintes diferentes de *não* muito inferiores aos de um testemunho do século XVII. Todavia, é preciso caracterizar os valores propostos, pelo que apresento a seguir alguns dados qualitativos.

Considerem-se os seguintes casos de variação livre entre os três testemunhos, em relação à realização de interpolação (capítulos E 10 a 26). Em todos, constata-se interpolação em M e L face a uma sua não realização em E.

(4)	M	distroicoões que <i>se</i> contra nos aparelhão	(fl. 259r)	3C2
	L	destruiçoões q~ <i>se</i> contra nos aparelhão	(fl. 173v)	3C2
	E	destruiçoões, q~ contra nôs <i>se</i> aparelhão	(fl. 25v)	3D2
(5)	M	quem <i>anaõ</i> aprouaua	(fl. 260r)	3A
	L	quem <i>anaõ</i> aprovava	(fl. 174v)	3A
	E	q.m <i>naõ</i> <i>a</i> aprovasse	(fl. 26v)	3B
(6)	M	o qual offrecimento <i>lhe</i> el Rey aceitou	(fl. 269v)	3C1
	L	o qual offrecimento <i>lhe</i> El Rey aceitou	(fl. 181v)	3C1
	E	oqual offrecim.to <i>lhe</i> aceytou El Rey	(fl. 33r)	3D1
(7)	M	fidalgo q~ <i>se</i> hiachou comelle	(fl. 271v)	3C2
	L	fidalgo q~ <i>se</i> hi achou com elle	(fl. 183v)	3C2
	E	por hũ fidalgo, que ahy <i>se</i> achou com elle	(fl. 35r)	3D2
(8)	M	que <i>o</i> bem sabia	(fl. 272r)	3C2
	L	fidalgo velho, q~ <i>o</i> bem sabia	(fl. 184r)	3C2
	E	q~ muy bem <i>o</i> sabia	(fl. 35r)	3D2
(9)	M	q~ <i>lhe</i> ja tinha mentido	(fl. 272v)	3C2
	L	q~ <i>lhe</i> ja tinha mentido	(fl. 184r)	3C2
	E	homem [...] q~ já <i>lhet</i> inhamentido	(fl. 35v)	3D2
(10)	M	segundo <i>se</i> despois vio	(fl. 273r)	3C2
	L	segundo <i>se</i> despois vio	(fl. 184v)	3C2
	E	segundo depois <i>se</i> vio	(fl. 36r)	3D2
(11)	M	cousa q~ <i>lhe</i> ja tinha dito	(fl. 273r)	3C2
	L	couza q~ <i>lhe</i> ja tinha dito	(fl. 184v)	3C2
	E	couza q~ já <i>lhet</i> tinha ditto	(fl. 36r)	3D2
(12)	M	com tudo nunca <i>se</i> con elle acabou, q~ admitisse algum conselho	(fl. 275r)	3C2
	L	com tudo nunca <i>se</i> com elle acabou, q~ admitisse algum conselho	(fl. 186v)	3C2
	E	nunca com elle <i>se</i> acabou q~ admitisse algum cons.o	(fl. 37v)	3D2
(13)	M	<i>se</i> <i>lhe</i> El Rey não fugira com orosto	(fl. 279v)	3A, 3C1
	L	<i>se</i> <i>lhe</i> El Rey não fugira com orosto	(fl. 190v)	3A, 3C1
	E	<i>se</i> El Rey <i>lhenaõ</i> fugira como rosto	(fl. 41v)	3A, 3D1
(14)	M	causas leues q~ <i>se</i> logo entendiam	(fl. 283v)	3C2
	L	q~ <i>se</i> logo entendiaõ	(fl. 193v)	3C2
	E	q~ logo <i>se</i> entendiaõ	(fl. 44v)	3D2
(15)	M	outros da gineta q~ <i>se</i> hi acharaõ	(fl. 285v)	3C2
	L	mais outros da gineta q~ <i>se</i> hi acharaõ	(fl. 195v)	3C2
	E	que aly <i>se</i> acharaõ	(fl. 46r)	3D2
(16)	M	como <i>as</i> elles (assi carregados) poderaõ fazer porterras pacificas	(fl. 292r)	3C1

	L	taes como <i>as</i> elles (assi carregados) poderaõ fazer	(fl. 201r)	3C1
	E	como elles assim carregados porterras pacificas, esemreceyos	(fl. 51r)	3D1
		decontrarios, <i>as</i> poderiaõ fazer		
(17)	M	entupidas q~ <i>se</i> logo abriram	(fl. 297v)	3C2
	L	q~ <i>se</i> logo abriram	(fl. 205v)	3C2
	E	q~ logo <i>se</i> abriraõ	(fl. 55v)	3D2
(18)	M	esta culpa <i>senos</i> nam pode agora dar anos	(fl. 305r)	3A
	L	mas esta culpa, <i>se</i> nos nam pode agora dar anos	(fl. 212v)	3A
	E	mas esta culpa naõ <i>senos</i> pòde dar anos	(fl. 62r)	3B
(19)	M	esta culpa <i>senos</i> nam pode agora dar anos	(fl. 305r)	3A
	L	mas esta culpa, <i>se</i> nos nam pode agora dar anos	(fl. 212v)	3A
	E	mas esta culpa naõ <i>senos</i> pòde dar anos	(fl. 62r)	3B
(20)	M	cousa que <i>lhe</i> ja no sera posiuel	(fl. 307r)	3A, 3C2
	L	cousa q~ <i>lhe</i> Ja nam sera possível	(fl. 214v)	3A, 3C2
	E	couza q~ já <i>lhenão</i> será possível	(fl. 63v)	3A, 3D2
(21)	M	q~ <i>lhe</i> para isso mandou apartar	(fl. 322v)	3C2
	L	algũs de cavallo, q~ <i>lhe</i> para isso mandou apontar	(fl. 227r)	3C2
	E	q~ pa isso <i>lhem</i> andou apontar	(fl. 75v)	3D2
(22)	M	q~ <i>selhe</i> depois acrecentaram	(fl. 322v)	3C2
	L	q~ <i>se</i> <i>lhe</i> depois acrecentaram	(fl. 227r)	3C2
	E	q~ depois <i>selhe</i> acrescentaraõ	(fl. 75v)	3D2
(23)	M	q~ <i>selhe</i> depois acrecentaram	(fl. 322v)	3C2
	L	q~ <i>se</i> <i>lhe</i> depois acrecentaram	(fl. 227r)	3C2
	E	q~ depois <i>selhe</i> acrescentaraõ	(fl. 75v)	3D2
(24)	M	onde <i>me</i> eu achei	(fl. 324r)	3C1
	L	onde <i>me</i> eu achei com o coronel	(fl. 228r)	3C1
	E	onde <i>meeu</i> achey ~ onde eu me achey	(fl. 76v)	3C1~3D1
(25)	M	biscoito q~ <i>seja</i> tinha gastado	(fl. 326v)	3C2
	L	biscoito, q~ <i>seja</i> tinha gastado	(fl. 230v)	3C2
	E	biscouto, q~ já <i>setinha</i> gastado	(fl. 78v)	3D2
(26)	M	pello que <i>se</i> jaa sabia da indisposiçam do Maluco	(fl. 327v)	3C2
	L	pello q~ <i>se</i> ja sabia	(fl. 231r)	3C2
	E	peloq~ já <i>sesabia</i> daindisposiçaõ	(fl. 79v)	3D2
(27)	M	de q~ o El Rey ficou gabando	(fl. 330r)	3C1
	L	de q~ o El Rey ficou gabando	(fl. 233v)	3C1
	E	deq~ ElRey <i>oficou</i> gavando	(fl. 81v)	3D1
(28)	M	opadre frei Esteuam que <i>se</i> hiachou	(fl. 331v)	3C2
	L	padre frei Estevam q~ <i>se</i> ahi achou	(fl. 234v)	3C2
	E	Fr. Estevaõ q~ aly <i>se</i> achou	(fl. 82v)	3D2
(29)	M	muitos outros corpos q~ <i>setambem</i> afogaram	(fl. 350r)	3C2
	L	corpos q~ <i>se</i> tambem a fogaram	(fl. 252r)	3C2
	E	q~ <i>tambẽ</i> <i>se</i> afogaraõ	(fl. 98r)	3D2

Fonte: Lombardo (2015, 2017b, 2017c).

Estes dados apenas podem ser interpretados em concordância com a ocorrência de intervenções generalizadas de modernização do texto, tanto por parte do copista, como por parte do revisor de E. Particularmente interessante, neste sentido, é notar como, no fl. 76v, o revisor intervém para “corrigir” a ordem do pronome numa frase que continha (e tinha sido originariamente copiada com) interpolação de sujeito:

(30)	M	onde <i>me</i> eu achei	(fl. 324r)	3C1
	L	onde <i>me</i> eu achei com o coronel	(fl. 228r)	3C1
	E	onde <i>meeu</i> achey ~ onde eu <i>me</i> achey	(fl. 76v)	3C1~3D1

Fonte: Lombardo (2015, 2017b, 2017c).

Todavia, os primeiros capítulos contêm, tanto em trechos de variação livre, como em trechos de variação substantiva, algumas ocorrências interessantes, que parecem estar em contraste com os dados apresentados até aqui:

(31)	M	ecom as cartas que algũs mouros de Fez e Marrocos <i>lhe</i> escriuiaõ	(fl. 238v)	3D1, 3D2
	L	ecom as cartas q~ algus~ mouros de Fez, e Marrocos <i>lhe</i> escriuiaõ	(fl. 155r)	3D1, 3D2
	E	e com as cartas, q~ <i>lhe</i> de Fez e Marrocos alguns Mouros m.tas vezes escreviaõ	(fl. 3v)	3C1, 3C2
(32)	M	treguas, pello tempo quealli <i>se</i> Concertaõ	(fl. 244r)	3D2
	L	treguas, pello tempoq~ alli <i>se</i> concertaõ	(fl. 160v)	3D2
	E	pelo tempo, emq~ <i>sealy</i> concertaõ	(fl. 10r)	3C2
(33)	M	q~naõ <i>se</i> persuadiriam os mouros	(fl. 247r)	3B
	L	q~ naõ <i>se</i> persuadiriam os mouros	(fl. 163v)	3B
	E	porq~ <i>senaõ</i> poderiaõ os Mouros persuadir	(fl. 16r)	3Au

Fonte: Lombardo (2015, 2017b, 2017c).

Como se vê, trata-se de três ocorrências em que E apresenta uma lição gramaticalmente mais arcaica do que os testemunhos cronologicamente mais antigos.⁹ Apesar de os casos de realização de interpolação em M e L serem numericamente mais representativos, os dados de realização de interpolação em E onde em M e L não se realiza existem, e não podem ser desconsiderados. Que se trate de erros do copista de E – uma distração que produziu dados inexistentes no antígrafo – dificilmente seria defendível. Resta-nos, portanto, admitir a hipótese de que se trate da amostra residual de um estado de língua ainda mais antigo daquele reportado por M e L – três ocorrências que teriam porventura escapado à modernização do copista de E.

Seguindo esta linha de raciocínio, é possível supor que o antígrafo de E apresentasse taxas de interpolação de constituintes diferentes de *naõ* ainda mais altas do que as dos três testemunhos à nossa disposição. Estes, por sua vez, foram produzidos em épocas em que a interpolação de constituintes diferentes da negação ia-se, progressivamente, perdendo, mas ainda era perfeitamente gramatical.

⁹ Aquando da apresentação do trabalho de 2017, tais ocorrências tinham-me enganado, já que por razões de tempo considerara na minha catalogação apenas os primeiros sete capítulos de cada testemunho. Tendo agora à disposição a catalogação integral dos pronomes contidos no texto, posso concluir que os três casos acima constituem efetivamente uma exceção em relação à colocação clítica nos demais capítulos.

Considerações finais

Os dados aqui apresentados não parecem, à primeira vista, constituir evidências *inequívocas* em relação à questão inicial sobre a possível proveniência dos trechos de E inexistentes nos demais testemunhos e sobre a eventual precedência de uma versão da narração em relação à outra. Com efeito, constatei que os trechos de E lacunares em M e L apresentam características fundamentalmente semelhantes às dos trechos sem variação, não apontando nitidamente nem para um estado de língua arcaico, nem para outro definidamente setecentista.

No caso da variação entre ênclise e próclise, as duas versões apresentam, tanto nos trechos sem variação, como nos lacunares, uma tendência geral para a próclise, embora em E a ênclise seja ligeiramente superior. As ocorrências de ênclise passam a representar a maioria nos casos em que E apresenta variação substantiva em relação a M e L. Este dado não é índice de *adições* setecentistas e sim de uma *reformulação* de trechos que seriam, em princípio, iguais nas duas versões, e pode ser eventualmente atribuído ao copista.

Os dados relativos à interpolação parecem confirmar esta última hipótese: para além de uma maior ocorrência de realização de interpolação nos testemunhos mais antigos, a maioria dos casos catalogados em trechos em variação livre revela que o copista de E atualizou uma lição gramaticalmente mais antiga.

Enriquece esta descrição a constatação de que existem três ocorrências em variação de interpolação em E que, contrariando aparentemente a tendência geral para a modernização linguística, podem constituir o rastro de um estado de língua ainda mais antigo do que é transmitido pelos testemunhos do século XVII.

Dessa forma, a análise dos clíticos não forneceu evidências indubitáveis de que o texto de E seja integralmente quinhentista. Todavia, julgo que não é possível concluir a interpretação dos dados sem realçar que a catalogação tampouco forneceu evidências indubitáveis de que os trechos de E inexistentes nos demais testemunhos sejam setecentistas. Neste sentido, pesa a percentagem de realização de interpolação de constituintes diferentes da negação em trechos de E lacunares em M e L. Mesmo que se trate de apenas 2 casos em 24, é difícil admitir que o mesmo copista que tende a eliminar as ocorrências de interpolação no resto do texto tenha “inventado” dados de interpolação em trechos eventualmente da sua pena (ou do revisor que com tanto afincou seguia o seu trabalho).

Assim sendo, neste momento parece mais fácil preferir a hipótese de que os trechos de E inexistentes em M e L sejam efetivamente originários do século XVI. Isto posto, alguns caminhos abrem-se à especulação: a) os capítulos E 9 e 10 são uma versão do texto do mesmo autor e foram redigidos antes dos capítulos 1 a 9; b) os capítulos E 9 e 10 são uma versão do mesmo autor, mas

foram escritos depois dos capítulos 1 a 9, como versão alternativa da narração; c) os capítulos E 9 e 10 foram extraídos de outro texto contemporâneo da época de redação da *Crónica* (quiçá, uma das Relações que o narrador afirma ter consultado). Seja como for, seguindo esta linha de raciocínio estes capítulos constituiriam rastros de estágios de escrita da versão reportada por E.

Para testar estas hipóteses, ulteriores análises serão necessárias. Resta, aqui, aceitar os limites impostos à realização de um artigo e deixar este material para desenvolvimentos futuros.

Referências bibliográficas

- BOUZA, Fernando. Entre dos reinos, una patria rebelde. Fidalgos portugueses en la Monarquía Hispánica después de 1640. **Estudis. Revista de historia moderna**, 20, pp. 83-104, 1994.
- DE ANDRES, Gregorio. Catálogo de los manuscritos de la biblioteca del Duque de Uceda. **Separata da Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos**. Tomo LXXVIII, Enero-Junio 1975.
- FERREIRA, Teresa. **Catálogo da Coleção de Códices (COD. 12888-13292)**. Lisboa: BN, 1999.
- GALVES, Charlotte; BRITTO, Helena; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**, 4, p. 39-67, 2005.
- GALVES, Charlotte; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Clitic placement and the position of subjects in the history of European Portuguese. *In*: GEERTS, Twan; VAN GINNEKEN, Ivo; JACOBS, Haïke (Eds.). **Romance Languages and Linguistic Theory 2003: Selected Papers from «Going Romance»**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2005. p. 97-113.
- LOMBARDO, Elena. Do “grande incêndio que com tam raro movimento a Berberia perturbou”: estudo e edição diplomática de um relato histórico quinhentista. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- LOMBARDO, Elena. **Sobre a transmissão do “Sumario de todas as cousas succedidas em Berberia...”**. Trabalho final do seminário em História da Crítica Textual. (Doutoramento em Crítica Textual). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016. Inédito.
- LOMBARDO, Elena. Para uma caracterização linguística dos testemunhos do “Sumario de todas as cousas succedidas em Berberia...” – Os clíticos. Apresentação de poster em: **XXXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Évora, Portugal, 27 a 29 de setembro de 2017. 2017a
- LOMBARDO, Elena. **Edição diplomática do testemunho M da “Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião”** – “Sumario de todas as cousas succedidas em Berberia desde o tempo que começou a reinar o Xarife Mulei Mahamet no anno de 1573 te o fim do anno de sua morte 1578 no dia da batalha d’Alcaçer Quibir, em que se perdeo Dom Sebastiam Rey de Portugal”. Lisboa: 2017b. Inédito.
- LOMBARDO, Elena. **Edição diplomática do testemunho E da “Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del-Rey D. Sebastião”** – “Historia da Jornada Del Rey Dom Sebastião a Africa causa, e successos lastimozos della”. Lisboa: 2017c. Inédito.
- MAGRO, Catarina. **Clíticos: variações sobre o tema**. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.
- MARTINS, Ana Maria. **Clíticos na História do Português**. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

MARTINS, Ana Maria. A posição dos pronomes pessoais clíticos. In: Paiva Raposo *et al.* **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p. 2231-2302.

MARTINS, Ana Maria. A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In: MARTINS, Ana Maria; CARRILHO, Ernestina (Eds.). **Manual de Linguística Portuguesa**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2016. p. 401-430.

MARTINS, Ana Maria. **Categorias de classificação dos pronomes**. Diretrizes para trabalho final do Seminário em Linguística Histórica II. (Doutoramento em Crítica Textual). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017. Inédito.

MASCARENHAS, Jerónimo de. **Historia de la ciudad de Ceuta. Sus sucessos militares, y politicos; memorias de sus santos y prelados, y elogios de sus capitanes generales**. Dornelas, Afonso de (Ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918.

MEGANI, Ana Paula Torres. Memória e conhecimento do mundo: coleções de objetos, impressos e manuscritos nas livrarias de Portugal e Espanha, séculos XV-XVII. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v. 17. n.1, p. 155-171, 2009.

NAMIUTI, Cristiane. **Aspectos da História Gramatical do Português**. Interpolação, Negação e Mudança. (Tese de Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Língua barroca: Sintaxe e História do Português de 1600**. (Tese de Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha; MATTOS, Antonio de Sousa Telles de (Orgs.). **Catálogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborensis ordenado com as descrições e notas pelo Bibliothecario Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e com outras proprias por Antonio de Sousa Telles de Mattos**. Tomo 111. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **A Historiografia portuguesa; doutrina e crítica**. 3 volumes. Lisboa: Editorial Verbo, 1972-1974.